A ARTE NAIF E O ESTILO MITHILA

CILENE APARECIDA PALMA SOARES GUIEIRO

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a importância da Arte na sociedade brasileira, sobretudo, àquela considerada marginal, com foco na Arte Naif presente na pintura brasileira e na Arte Mithila, originária da Índia, e de seus representantes, para isso, considera-se os estudos de Iavelberg (2003), sobre as Artes visuais nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte; de Gita Wolf (2014), sobre a pintura de Dulari Devi e Amrita Das; além disso, de Junior (S/D) sobre a Arte Naif e suas características; a partir destas leituras, constatou-se que algumas formas das Artes visuais ainda são marginalizadas na sociedade brasileira, isso ocorre devido à valorização da arte acadêmica e das estéticas artísticas apregoadas por ela; é preciso, contudo, que todas as formas de arte sejam valorizadas, pois elas expressam a condição humana, deste modo, toda forma de arte é a própria representação da humanidade.

Palavras-chave: Arte Marginal. Pintura. Estilo Naif. Arte Mithila.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história das Artes visuais, percebe-se que a existência de vários estilos artísticos reflete o sentimento e a alma humana. Desde o surgimento das produções artísticas nas Academias de Arte, houve a valorização das produções artísticas, sobretudo, as que surgiram nestas academias.

Hoje, contudo, percebe-se que os estilos artísticos têm, cada vez mais, sido produzido com uma grande variedade de formas e técnicas ressaltadas em suas concepções. Essas variações na forma de conceber a Arte têm tornado o objeto artístico mais acessível ao público em geral, sobretudo, as pinturas consideradas populares, marginalizadas na sociedade brasileira por não trazer, muitas vezes, técnicas que representam a produção acadêmica.

Um dos estilos artísticos que surgiu foi o estilo Mithila, em regiões da Índia. Este estilo está presente na sociedade brasileira e, junto com ele, há traços semelhantes presentes no estilo Naif, um estilo popular, que tem muitos representantes, mas ainda é pouco conhecido na sociedade brasileira.

A questão é: Como fazer que as artes consideradas populares e marginalizadas sejam conhecidas e valorizadas pela sociedade brasileira? Não há uma forma estética certa, portanto, é preciso valorizar todas as formas de concepções artísticas.

Para compreender este processo de marginalização da arte, é preciso conhecer, por exemplo, os vários estilos, os vários Movimentos artísticos das Artes Visuais para perceber a forma como a Arte é representada e vista pela sociedade tanto acadêmica quanto a não acadêmica. A partir desta percepção, é necessário impulsionar a valorização dos estilos artísticos produzidos em determinadas regiões e os artistas que os criam, pois são formas artísticas únicas de determinadas regiões

que precisam ganhar espaço na sociedade.

Arte e Currículo

Ao falar sobre o Ensino de Arte, pensa-se no Currículo da disciplina de Arte. O Currículo precisa estar em constante transformação. Ele serve para orientar e reorientar a escola em relação aos avanços de aprendizagem e as dificuldades apresentadas pelos estudantes.

Desta maneira, o ensino de Arte precisa valorizar e criar oportunidades de interação dos estudantes com as múltiplas formas de concepção artística, seja nas artes visuais, no teatro, na dança, na música, na cultura urbana, na cultura indígena, africana, artesanal, enfim, em todas as formas de Arte.

No Currículo de Arte, a reiteração das informações ou a execução de atividades práticas são procedimentos que levam ao aprendizado. Assim, Iavelberg (2003, p. 28) diz que: “Procedimentos de pintura, desenho, gravura, utilização de softwares e modelagem são alguns exemplos de conteúdos procedimentais que devem ser dominados pelo professor de artes visuais”.

Ao conhecer os procedimentos para possibilitar oportunidades de aprendizagem aos alunos, o professor apoia o estudante e permite que ele conquiste a autonomia dele na execução das tarefas e no conhecimento do objeto artístico.

No ato de aprender e compreender Arte:

Os valores e as atitudes são aprendidos pela interação com os outros. Bons modelos favorecem a incorporação de condutas e sentimentos de respeito mútuo, valorizando a diversidade e reconhecimento das especificidades das culturas. (IAVELBERG, 2003, p. 28).

Verifica-se, deste modo, o que se tem apresentado desde o início deste estudo que é importante conhecer as diversas culturas e compreender o objeto artístico, pois isso transforma a concepção e os conceitos humanos sobre o fazer artístico, proporcionando a valorização de todas as formas de Arte.

Contudo, como viabilizar a valorização da Arte marginal no ensino de Artes na sala de aula? Sabe-se que a Arte considerada acadêmica e erudita ainda permeia o ensino de Artes. No entanto, é preciso que a sociedade valorize a produção artística das comunidades mais periféricas. A valorização da arte, considerada não acadêmica e, portanto, denominada simples, é importante para que os artistas produtores de cultura se sobressaiam e sejam valorizados na sociedade brasileira.

É preciso pensar como facilitar a apreciação estética das obras de Arte.

A mediação entre público e a obra é como um trabalho de arte no qual as experiências anteriores e o saber do monitor (educacional, cultural, gerencial) são o plano de fundo, e a cena real, visita – para estar em consonância com os conceitos da arte contemporânea, na qual figura e fundo, quando existem, constituem partes em plena integração – é uma ação complexa...

Os conhecimentos prévios dos públicos e educadores se convertem em outras formas ao se encontrarem no interva-

lo de criação entre o que se quer ensinar e o que se pode aprender em uma exposição. Esses dois conceitos que estão em correspondência nunca são coincidentes. (IAVELBERG, 2003, p. 77).

Desta forma, saber apreciar objetos artísticos desenvolve a compreensão estética e aprende a valorizar os objetos de Arte. E como valorizar a Arte popular como a pintura de estilo Mithila e a Arte Naif? É sobre estes estilos que se reflete a seguir.

A Arte marginal: conceito

Ao falar em Artes visuais, destaca-se a pintura como uma das formas artísticas e é sobre ela que se debruça este estudo. Arte marginal é, segundo a matéria da DENEM (2017): Arte marginal, subversão e revolução, "o grito, o romper de tradicionalismos e formalidade, é a libertação traduzida em versos, prosa, música e imagem".

Deste modo, a arte marginal é uma forma de oposição dos estilos considerados tradicionais. Trata-se da cultura popular, nascida em meio ao povo e não no meio acadêmico.

Assim a pintura marginal é uma forma de cultura marginal, que é aquela produção artística que não se enquadra dentro dos padrões culturais em que se produz a cultura. "A cultura marginal tenta aproximar a arte com aspectos coloquiais que possam refletir a realidade sem maquiagem, dando voz a quem não tem voz e incentivar o pensamento crítico", (Rádio da Juventude, 2011).

O que se percebe é que a arte marginal, cada vez mais, é produzida pelas pessoas que vivem a realidade da cultura periférica e, por isso, parece se tornar marginalizada no meio acadêmico, ora por ser pouco conhecida, ora por não trazer as técnicas utilizadas pelos acadêmicos. No entanto, muitos representantes deste fazer artístico têm tentando se destacar, levando suas obras para os grandes centros culturais.

Assim, o modo de divulgação das obras de Arte, produzidas pelas comunidades não acadêmicas, vem sendo ampliado nos centros culturais. Ela precisa ser apresentada para apreciação e para ganhar o gosto estético das pessoas de todas as camadas sociais.

A cultura de rua, as pinturas em escadarias, em becos; as danças, as músicas, os combates de rimas, as artes presentes nos muros das periferias, nas comunidades distantes dos grandes centros merecem ganhar destaque social.

Esta arte que surge nas periferias, por pessoas autodidatas, tenta conquistar seu reconhecimento, mas, para isso, é preciso que a arte marginal, conhecida também como arte bruta, seja evidenciada pelas diversas formas de mídia, pelos materiais didáticos distribuídos aos estudantes das Redes Oficiais de Ensino.

Dentre as Artes marginais que precisam ser divulgadas, cita-se a Arte Mithila, de comunidades da Índia, presente no Brasil; a Arte Baré, da cultura indígena; a arte Naif, de vários artistas autodidatas, entre outros.

A Arte Mithila e seus representantes

Pouco conhecida ainda na sociedade brasileira, a Arte Mithila começa a aparecer nas ilustrações de alguns livros, tais como: “A esperança é uma menina que vende frutas”, de Amrita Das (2015) e em “Acompanhando meu pincel”, de Dulari Davi (2014), entre outros.

Nos livros de Amrita Das e Dulari Davi, há a representação do estilo Mithila por meio das ilustrações presentes ao longo da história. Sobre este estilo, Gita Wolf (2014) diz que a arte Mithila está presente em comunidades do Leste da Índia. É uma Arte feita por mulheres em Bihar.

O estilo Mithila é conhecido por ser colorido, vibrante e delicado. Chamado também de pintura Madhubani, este estilo teria surgido dos padrões decorativos feitos pelas mulheres em paredes e pisos das casas delas e em espaços comunitários.

Em seu artigo, Oliveira (2015) menciona o estilo de pintura folclórica indiana denominada Mithila ao falar sobre a cultura Baré, que aborda uma temática indígena que não se restringe às aldeias, mas está presente em nosso cotidiano. O autor menciona os livros de Menina Japinim, de Ana Miranda (Cia das Letras, 64 páginas) e A esperança é uma menina que vende frutas, de Amrita Das (Cia das Letras, 32 páginas), neste, fala da dificuldade de ser mulher em uma sociedade patriarcal. O autor menciona ainda a riqueza do estilo de pintura folclórica indiana chamada Mithila.

Muito presente nas ilustrações de livros traduzidos ou escritos no Brasil, o estilo Mithila ainda não teve seu devido reconhecimento. Trata-se de uma arte dita comum, mas que leva muitas pessoas à compreensão e valorização da Arte. Ela precisa ser amplamente divulgada e conhecida para ter seu valor atingido.

A mesma falta de valorização e apreciação estética acontece com a Arte Naif no Brasil.

A Arte Naif no Brasil

Outra arte pouco conhecida no Brasil é a Arte Naif. Sobre ela, Aidar (Cultura Genial, s/d), Arte-educadora e artista visual, em seu artigo: Arte Naif, diz que: “Arte Naif é uma expressão artística realizada por pessoas autodidatas, na qual exprimem sua visão de mundo, geralmente regionalista, simples e poética”.

Deste modo, na Arte Naif é trabalhada, com espontaneidade, os temas populares. O termo Naif tem origem francesa, com o significado “ingênuo”, por isso essa manifestação artística é chamada de “arte ingênua” ou “arte primitiva moderna”, pois a característica de seus traços é considerada sem grandes técnicas. Nesta Arte, os traços são bastante definidos, há utilização de cores intensas, com excessos cromáticos, tracejados, pontilhados, para retratar os temas populares, as festividades, os eventos coletivos, as paisagens.

Há ainda no estilo da Arte Naif a ausência de profundidade e perspectiva, em que as cenas são retratadas, muitas vezes, de modo bidimensional, com traços figurativos e com exuberância em detalhes. Sobre os temas: a natureza, por exemplo, é retratada de modo idealizado.

A Arte Naif, embora tenha uma representação a partir das décadas de 60

no Brasil e em meados de 2021, ainda não teve grande destaque e conhecimento. Ela já existia em outros países desde os anos de 1860. Um nome importante desta arte foi Wilhelm Uhde (1874 – 1947), que em 1928 contribuiu com a primeira exposição deste estilo em Paris.

A Arte Naif surgiu ainda em meio aos artistas amadores, denominado pintores de domingo. O francês Henri Rousseau (1844-1910) foi dos representantes deste estilo. Em 1886, no Salão dos Independentes, Rosseau exibiu alguns temas e teve reconhecimento de artistas renomados como Gauguin (1848-1903), Picasso (1881-1973), Léger (1881-1973) e Miró (1893-1983).

A partir dessa mostra, a Arte Naif, passou a ser mais conhecida devido a forma como o artista representava questões estéticas sem a educação formal. Em seus temas havia a representação do contexto popular, com vigor simples e autenticidade infantil, com a criação de imagens simples, nítidas, com cores simples e puras, diferente da arte sofisticada do círculo acadêmico.

As pinturas tinham traços mais livres, de acordo com a vida do homem comum. Essa forma de pintar influenciou outros artistas que deixaram a técnica e o valor teórico para buscar a compreensão do público mais simples, atingindo assim o gosto de outras pessoas. Uma vez que a criação ocorre sem formalismo, de modo mais espontâneo.

No Brasil, destacam-se nesta arte Maria Auxiliadora (1935-1974), Heitor dos Prazeres (1898-1966), Djanira da Motta e Silva (1914-1979), José Antonio da Silva (1909-1996), Maria do Santíssimo (1890-1974), Waldomiro de Deus (1944), Rosina Becker do Valle (1914-200), Raimundo Bida (1972).

Um dos nomes de destaque no Brasil é de Maria Auxiliadora, na pintura: “Colheita de Flores”, hoje na Galeria Jacques.

No período do Movimento Modernista, segundo Proença:

> um artista primitivo é alguém que seleciona elementos da tradição popular de uma sociedade e os combina plasticamente, guiando-se por uma clara intenção poética.
>
> Geralmente esse artista é autodidata e criador dos recursos e técnicas com que trabalha. (PROENÇA, 2004, p. 247)

Pode-se perceber que a Arte Naif não é um estilo novo. Esta Arte já foi mencionada por artistas até mesmo acadêmicos e renomados, mas por que ela não aparece nos livros didáticos ou nos materiais de História da Arte Contemporânea? Justamente pelo seu caráter didático, simples e sem relação com os modelos acadêmicos que este estilo precisa ser valorizado e mostrado nos livros didáticos.

A simplicidade da Arte Naif levaria muitos a apreciar o fazer estético, pois é uma arte com traços fáceis de reconhecer. Ela precisa ser apreciada e valorizada pela sociedade e, para isso, ela precisa aparecer nos meios populares, pois é nele que ela é, sobretudo, produzida, criada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o Currículo de arte pressupõe a fruição e a apreciação estética do objeto de Arte em suas várias

formas de concepção. Para isso, o objeto artístico deve ser apreciado, ser conhecido e ganhar novo sentido.

O que se observa, no entanto, é que há muitos estilos que não são divulgados. Mesmo existindo há muito tempo na sociedade e tendo traços marcantes, que refletem o modo simples do povo, por não pertencer ao meio acadêmico, eles parecem não ser valorizados como estilo artístico.

Há estilos, como o da Arte Mithila e o da Arte Naif, que já foram modelos estéticos seguidos por grandes nomes das artes, contudo, a falta de reconhecimento e divulgação dessas formas artísticas ainda as tornam desconhecidas do grande público e, justamente, para quem esta forma de arte seria essencial por mostrar a cultura de modo simples.

Para que esta forma e estilo artístico tenham a devida recepção estética, é preciso que os livros didáticos e os cursos de Arte mencionem, divulguem, destaquem as formas artísticas nascidas no seio das comunidades menos privilegiadas economicamente. Só assim, os estilos, as várias formas de conceber Arte podem, enfim, fazer parte do rol das Artes valorizadas pelo público em geral. Para conhecer é preciso apreciar e para apreciar é preciso ver e divulgar. Pois a Arte está em todas as formas e representações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTEREF. Arte Naif: história, principais artistas e obras. Arteref Revista. Disponível em: https//:www.arteref.com/arte-naif-historia-principais-artistas-e-obras. Acesso em 18 dez. 2021.

DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina). Por Coordenação de Cultura. Janeiro/2017. Em: Arte marginal, subversão e revolução. http//:www.denem.org.br/2017. Acesso em 14 dez. 2021

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, Fernando. A reconstrução de um povo. Educação, 8 jul. 2015. Edição 219, EDUCAÇÃO. Acesso em 14 dez. 2021.

PROENÇA, Graça. História da Arte. 16 ed. São Paulo: Ática, 2004.

DAS, Amrita. A esperança é uma menina que vende frutas. Tradução de Rosa Amanda Strausz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

Rádio da Juventude, 2011, 04 abril. Em: Cultura marginal - Semana de Arte Moderna. Disponível em: https//:www.radiotube.org.br/texto-5anVskNT

Acesso em 14 dez. 2021.

WOLF, Gita. Acompanhando meu pincel. Tradução de Monica Stahel. Texto de Gita Wolf: baseado na narrativa oral de Dulari Devi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.